



ECOLOGIA | VIRIATO SOROMENHO MARQUES

Paisagens da nova distopia digital

Não é comum escrever sobre romances neste espaço. Seria muito difícil, contudo, não prestar atenção a um novo romance da jovem e premiada escritora Joana Bértholo (JB), que partilha o título desta rubrica. A sua leitura é um exercício que junta o fascínio de uma narrativa imaginativa, engenhosa nos seus recursos, com a inquietação dos temas e circunstâncias abordados. Somos transportados a um futuro, que reconhecemos já nas tendências emergentes do nosso vertiginoso e mutável presente.

LITERATURA E ECOLOGIA

Esta obra apresenta-se através de uma técnica de escrita original e poderosa. Surpreendente, pelo modo como o leitor vai sendo transportado, sem perda de fio condutor, para diferentes painéis narrativos; mas aquilo que mais me impressionou foi o grande valor de verdade deste livro. *Ecologia* mostra que uma ficção não é necessariamente o êxodo para um real alternativo, mas sim a imaginação de uma outra perspetiva, a partir da qual podemos abrir novas janelas de onde interrogamos o que de essencial se esconde nas manifestações do presente, sobretudo as suas linhas de fuga rumo a um futuro perigoso e desafiante. Nessa medida, a literatura pode e deve ser uma forma de heurística e hermenêutica da realidade, um veículo de alargamento gnosiológico. O livro de JB não recusa situar-se na linha de uma literatura que não recusa constituir-se como um lugar intensivo de pensamento. Nesta obra o leitor presente a densidade do valor de verdade de uma ficção profética, na ilustre e clássica linhagem de um *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, ou de *1984*, de George Orwell.

O título deste livro respeita o conceito que também é. A semântica da *Ecologia* já existia antes de Ernst Haeckel ter cunhado o conceito em 1866. No século XVIII, o grande Lineu falava de uma “economia da Natureza”. O luso-brasileiro José Bonifácio de Andrada e Silva sublinhava a ação antrópica sobre o mundo, com os seus riscos. Do mesmo modo que Alexander



Joana Bértholo Um romance intitulado *Ecologia*

von Humboldt o fará na sua monumental obra. O essencial do conceito de “ecologia”, que JB incorpora plenamente na sua narrativa, reside numa teia viva e dinâmica de relações entre criaturas e entidades diversas, constituindo-se como um Mundo. Em muitos aspetos, a *Ecologia* ao evoluir para o conceito de ambiente ultrapassa visões dicotômicas absolutas, como a de homem/mundo ou cultura/natureza. A autora desenvolveu para este livro, um intenso trabalho de pesquisa. Não só labor na leitura, mas também discussão com especialistas em diversas áreas científicas. O romancista não é diferente do ensaísta no que respeita à “marcha de aproximação” que o desenho e o desenvolvimento de uma obra exigem.

UTOPIA E DISTOPIA

Hoje, o conceito de *Ecologia* está ligado a um mundo em perda. Glenn Albrecht, um dos autores referidos, fala de “solastalgia”: a dor por um mundo que se desmorona à nossa volta, e nos deixa com um sentimento crescente de angústia e impotência. Depleção da biodiversidade, alterações climáticas, a paisagem que se degrada e contamina. Contudo, esta obra fala também de um mundo que está a surgir. Na *Ecologia*, mesmo em sentido mais estrito, aprende-se que existe sempre uma “sucessão ecológica”. Depois de um incêndio, a natureza procura

reconstruir um novo equilíbrio, uma nova “comunidade clímax”. Até que ponto será possível um novo equilíbrio habitável? Eis a questão maior a que, contudo, este romance pela sua própria natureza não nos pode dar resposta. Esse será o trabalho para as políticas públicas, as doutrinas sociais e os movimentos religiosos.

O que o leitor encontra efetivamente neste livro de Joana Bértholo, envolto numa claridade com sombras subtis, é o processo invisível, gradual, enviesado como o mercado mundial, que todos partilhámos, se vai tornando imperial também através da nossa adesão individual. Os homens, mulheres e crianças que habitam este livro vão sendo apropriados pela universal presença de uma esfera das transações que tudo absorve num surto de inovação tecnológica aparentemente ilimitado: a linguagem, os sonhos, os medos. O nosso desejo de felicidade individual, no eco do mercado, transforma-se num coro difuso onde se digitaliza o pensamento, o corpo, e se dissolve até à categoria de sujeito. As utopias individualistas desaguam numa distopia coletiva. Nessa medida, este livro também é um antecipado regresso ao futuro, contendo a latente esperança da literatura: a de que, na hora decisiva, a realidade seja capaz de desmentir a ficção. **JL**